



PEDAGOGIA CRÍTICA-SOCIAL DOS CONTEÚDOS EM TEMPOS DE OFENSIVA DA EXTREMA DIREITA NA EDUCAÇÃO

Francisco Alberto de Araújo Costa Júnior
(COSTA JÚNIOR, F. A. A.)¹

GT 5 – Pedagogia, Educação e seus Fundamentos (Filosóficos, Sociológicos, Antropológicos e Psicológicos)

RESUMO: Este artigo busca resgatar a importância dos pressupostos teóricos, metodológicos e filosóficos da Crítica Social dos Conteúdos no ensino básico. A Crítica Social dos Conteúdos constitui uma importante tendência pedagógica fundamental para o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos em tempos de ofensiva ideológica e cultural da extrema direita na educação básica, ao articular conteúdos vivos, dinâmicos, sem prejuízo da explicação conceitual básica, e contribuindo para repassar todo o conhecimento produzido pela humanidade em geral. Esta abordagem vai de encontro a qualquer modo de pensar negacionista presente em nossos tempos.

Palavras-chave: Crítica Social dos Conteúdos. Ciências Humanas. Formação Crítica.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma conjuntura que não pode ser compreendida sem levar em consideração elementos importantes como o golpe institucional contra a presidente Dilma Rousseff, à época a frente do Executivo, em 2016. Nesse contexto, acentua-se um período de ascensão cada vez maior das ideologias de direita e extrema-direita, disputando cada vez mais, por meio de seus Aparelhos Privados de Hegemonia (APHs²), os rumos da sociedade brasileira.

A educação se torna o principal alvo dessas ideologias, por meio de posturas abertamente negacionistas da história do Brasil, vide a defesa do período de ditadura civil-militar de 1964 a 1985, o movimento Escola Sem Partido nos estados e

¹ Professor da Educação Básica, Licenciado em Ciências Sociais e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas.

(franciscoalbertojunior3@gmail.com)

² Referente às associações não ligadas ao aparato estatal, mas a uma classe, ou fração de classe, na busca pela disputa da hegemonia ideológica na sociedade. Partidos políticos, igrejas e entidades empresariais são exemplos de APH. Ver Liguori;Voza, 2017, p.75-77.

municípios, a contrarreforma do Ensino Médio e o questionamento constante do trabalho do professor enquanto mediador no contexto de ensino e aprendizagem.

Em meio a essa etapa de caráter reacionário que se expressa, segue-se os governos de Michel Temer (2016 –18) e a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder via a eleição de 2018. Bolsonaro ganha as eleições para seu adversário Fernando Haddad (PT), sendo essa eleição já produto de um terreno fértil para a extrema-direita, por meio do pânico moral na educação com os espantalhos da “ideologia de gênero”, do “kit gay” e da “doutrinação marxista nas escolas”.

Vale lembrar que mesmo com retorno de Lula à presidência na eleição de 2022, em uma votação apertada para a candidatura neofascista de Bolsonaro a reeleição, ainda sentimos um profundo efeito ideológico, político e cultural na sociedade das ideias de extrema direita. Isso se reflete nas disputas ideológicas acerca da educação brasileira.

OBJETIVOS

Este artigo busca apontar a importância da Teoria Crítico Social dos Conteúdos, enquanto tendência pedagógica, para a capacidade crítica dos alunos e a compreensão dos conteúdos ensinados em sala. Esses conteúdos não são ausentes de propósito, mas conteúdos conectados a realidade do aluno.

Essa abordagem, em seus pressupostos, vai de encontro a uma posição negacionista da realidade e dos fatos, articulando a realidade do aluno com os conteúdos transmitidos historicamente pela humanidade ao longo do tempo. Isso acontece não por meio de uma negação completa do ensino tradicional, mas de manter os aspectos positivos do método tradicional, só que articulado com a realidade concreta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Teoria Crítica Social dos Conteúdos constitui uma tendência pedagógica que busca estabelecer um contraponto às pedagogias não-críticas, seja o formato tradicional, tecnicista ou escolanovista³ Essa abordagem também se contrapõe às

³ A teoria crítica social dos conteúdos é uma expressão da Pedagogia Histórico Crítica, proposta por Dermeval Saviani. Neste presente artigo, iremos trabalhar apenas com a concepção de Libâneo.

teorias crítico-reprodutivistas que apontam a escola unicamente como reprodutora das desigualdades sociais engendradas pelo capital.

Segundo Libâneo, a prática pedagógica deve ser entendida a partir da concretização das condições que asseguram o trabalho docente. Diante disso, essas condições não se resumem a uma pedagogia isolada das relações sociais vigentes. Precisamos entender o fazer pedagógico a partir de seres reais, inseridos em uma sociedade de classes.

A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente. Tais condições não se reduzem ao estritamente "pedagógico", já que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que, por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos. A prática escolar assim, tem atrás de si condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, consequentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas etc. Fica claro que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente. (LIBÂNEO, 1985,p.3)

Ou seja, a escola e o trabalho pedagógico não são neutros. A forma como os docentes realizam seu trabalho e organizam suas metodologias de ensino e avaliação, por si só já refletem uma visão de mundo e seus pressupostos decorrentes dessa visão.

Essa abordagem caracteriza a escola, não apenas como a reprodução da ideologia dominante na educação, como afirmam as teorias reprodutivistas, mas como um instrumento de apropriação do saber. A escola seria parte integrante de um todo social, no contexto da sociedade de classes, e Libâneo afirma ser possível entender o papel da escola, mas não para reproduzir o ensino tradicional, tecnicista, tampouco

nos formatos diretivos e não-diretivos do escolanovismo, mas para contribuir para a formação crítica dos sujeitos.

A transformação da educação em algo emancipador e a formação de sujeitos ativos e capazes de pensar criticamente para transformar a realidade em que vivem passa pelas condições existentes, levando em conta a escola como um campo de disputas ideológicas.

Sobre os métodos de ensino da Crítica Social dos Conteúdos, afirma Libâneo:

Os métodos de uma pedagogia crítico-social dos conteúdos não partem, então, de um saber artificial, depositado a partir de fora, nem do saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber e relaciona a prática vivida pelos alunos com os conteúdos propostos pelo professor, momento em que se dará a "ruptura" em relação à experiência pouco elaborada. Tal ruptura apenas é possível com a introdução explícita, pelo professor dos elementos novos de análise a serem aplicados criticamente à prática do aluno. Em outras palavras, uma aula começa pela constatação da prática real, havendo, em seguida, a consciência dessa prática no sentido de referi-la aos termos do conteúdo proposto, na forma de um confronto entre a experiência e a explicação do professor. Vale dizer: vai-se da ação à compreensão e da compreensão à ação, até a síntese, o que não é outra coisa senão a unidade entre a teoria e a prática. (LIBÂNEO, 1985, p.32)

O saber adquirido pelos alunos em relação com o conteúdo ministrado, dessa forma, não é um saber tecnicista, onde o aluno é um mero executor de tarefas, muito menos um saber onde o aluno não tem direcionamento, como se o saber pudesse ser construído pelo aluno sem a necessidade de conteúdos historicamente acumulados pela humanidade ao longo da história.

A concepção crítico -social dos conteúdos proposta por Libâneo carrega uma utilidade essencial dentro de uma perspectiva crítica ao modelo educacional subordinado ao mercado e ao neoliberalismo.

A supremacia das relações de mercado em relação à defesa contundente de políticas sociais fundamentais para uma educação socialmente referenciada, calcada numa escola pública de qualidade e num padrão de qualidade da educação vem causando sérios danos inclusive no que diz respeito a defesa de conhecimentos básicos que pressupõe também a luta por direitos básicos de saúde e educação.

Esses conhecimentos básicos são entendidos como os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade ao longo da história, fundamentais para a razão humana. A defesa intransigente desses conhecimentos, outrora da burguesia em ascensão no período iluminista, se transformou em defesa do negacionismo científico, se não aberta, um uso político e ideológico do negacionismo para fins de mercado.

Esse uso ideológico do negacionismo está presente na noção de que os conhecimentos importantes são essencialmente os que gerariam “retorno financeiro imediato”, ao nível estritamente técnico, e não para aprimorar as habilidades humanas e realizar suas potencialidades. Essa concepção está presente inclusive em contrarreformas educacionais que reduziram a carga horária de disciplinas como Sociologia, Filosofia, História, Artes na sua concretização prática, a exemplo do NEM (Novo Ensino Médio).

Segundo Frigotto (1995), a concepção da teoria do capital humano⁴ como resposta a relação entre processo produtivo e processo educacional é expressão das disputas ideológicas no âmbito da educação: a educação das classes trabalhadores deve estar ligada a potencialidade de capacidade de produtividade do trabalho dentro das relações capitalistas. Ou seja, segundo esta concepção, basta apenas o domínio de certas competências por parte do trabalhador para adequá-lo ao processo produtivo.

Dito isso, a concepção de capital humano aplicada a educação influenciou padrões de ensino tecnicistas e utilitaristas presentes em diversos momentos de nossa história enquanto país, como o período de ditadura civil-militar de 1964-85,

⁴ Tem como principais nome Theodore W. Schutz e Gary Becker, e surgiu no contexto do pós-guerra, em meados da década de 1950.

passando pelo período atual, com a ascensão da extrema direita como tendo um peso considerável na disputa de projetos educacionais para o Brasil.

Atualmente a teoria do capital humano se interliga à ideologia empreendedora, que leva a noção de conhecimento como utilidade para o processo produtivo até as últimas consequências. A ideologia do empreendedor de si, que atinge parcelas da classe trabalhadora atual em busca de ascensão impacta diretamente qual formação o trabalhador deve ter, na lógica do capital e suas novas exigências:

Se o capital humano foi conceituado como o conjunto de conhecimentos, habilidades, condições e experiências dotadas de valor econômico, a literatura sobre empreendedorismo ampliou o escopo de competências individuais vistas como economicamente úteis. Assim, dimensões que antes se encontravam fora do âmbito original da teoria da capital humano também passaram a ser consideradas elementos determinantes do êxito econômico, ***tais como as capacidades de julgamento e de tomada de decisões e até mesmo a capacidade de ter ideias criativas.*** (MEDEIROS; LIMA. 2023, p.39, grifo meu)

Tanto as noções vinculadas a ideia de capital humano quanto a ideologia do empreendedorismo caracterizam ser o indivíduo uma empresa em si, não um ser dotado de potencialidades a serem desenvolvidas seja na articulação teoria e prática, que envolve estudo e a inserção no mundo do trabalho, tal qual presente na LDBEN⁵, mas na ideia utilitarista de que conhecimentos mais profundos, especialmente na área de ciências humanas e/ ou conhecimentos historicamente acumulados em geral, não gerariam “retorno financeiro imediato”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo busca traçar elementos preliminares para uma crítica a uma educação aligeirada e ligada a uma noção utilitarista, característica do capitalismo em seu atual

⁵ Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

padrão de acumulação neoliberal no campo econômico e impulsionador de elementos neofascistas na política.

Em uma conjuntura onde é nitidamente impossível a união entre neoliberalismo e democracia, se faz necessário um contraponto a essas visões ideológicas que vem ganhando influência social, política e cultural em parcelas expressivas da classe trabalhadora. A rejeição ao conhecimento historicamente acumulado está em uma direção oposta a uma pedagogia crítico -social, que não nega a diretividade ao aluno de conhecer o que de melhor foi produzido na história, tampouco retoma os piores aspectos do ensino tradicional ou o ensino tecnicista. Esse último, no contexto atual, se apresenta com uma roupagem nova, disfarçada de liberdade e mistificada com o termo “empresário de si”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo, Cortez, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências Pedagógicas na prática escolar**. In: **Democratização da Educação: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo, Loyola, 1985.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MEDEIROS, João Leonardo; LIMA, Rômulo. “**Contra a ideologia empreendedora: argumentos para uma crítica marxista**”. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Niterói, n. 66, maio-ago, 2023, p. 31-57.